

Reprodução/Arquivo da Casa de Oswaldo Cruz

Grupo refaz a viagem de Chagas pela Amazônia

LUIZ ANTONIO DEL TEDESCO
Da Reportagem Local

Exatos 79 anos depois, uma equipe da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), buscando comparar as condições médico-sanitárias entre o presente e o passado, refaz parte da expedição que Carlos Chagas comandou na Amazônia em 1912/1913. Os dados não são animadores.

Eduardo Vilela Thielen, coordenador da expedição, diz que a situação na época de Chagas já não era boa, mas o vale do rio Juruá era o maior produtor de borracha da Amazônia, o que garantia certa qualidade sanitária. Hoje a borracha já não garante mais nada, os seringais estão abandonados e as pessoas estão indo para as cidades.

Ele acrescenta que os casos de malária e hepatite, inclusive em suas formas mais graves — falsípara e delta, respectivamente —, estão aumentando e doenças como hepatite, leishmaniose e até mesmo hanseníase (lepra) são comuns no vale do Juruá. “No Solimões a situação é melhor, porque é a via de ligação entre

Peru e Brasil”, diz.

O grupo partiu em avião do Rio de Janeiro em 19 de junho. Em Manaus, eles subiram o Amazonas a bordo do navio-hospital Oswaldo Cruz da Marinha. Um problema no leme impossibilitou o uso do navio.

A expedição começou então em Envira, onde iniciou a subida do rio Tarauacá até o seringal mais distante que Chagas havia visitado, na foz do rio Ati. Ali começaram a descer o Tarauacá. Atingiram o Juruá e depois o Solimões, que subiram até Fonte Boa. A viagem terminou em Manaus, 39 dias após a partida.

O grupo da expedição foi formado por Fernando Dumas dos Santos, Luís Octávio Coimbra e Eduardo Thielen —historiadores—, pela socióloga Stella Oswaldo Cruz Penido, bisneta de Oswaldo Cruz, pelo cinegrafista Luís Carlos Bonella e pelo médico-sanitarista Marcelo Cunha.

Toda a expedição foi documentada —20 horas de vídeo, 1.200 fotos e várias entrevistas— e deverá ser apresentada na Eco-92, junto com um relatório.

Sanitarista fez estudo com a população da região em 1912

Da Reportagem Local

No final de 1912, o sanitário Carlos Ribeiro Justiniano das Chagas, a serviço da Superintendência da Defesa da Borracha, coordenou uma expedição do Instituto Oswaldo Cruz à bacia amazônica para avaliar as condições de saúde das populações e estabelecer as bases de um tratamento profilático na região.

A expedição havia sido contratada pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, preocupado com o declínio da indústria da borracha. O grupo percorreu os vales dos rios Solimões, Juruá, Tarauacá, Purus, Acre, Iaco, Negro e Branco, visitando seringais e vilarejos.

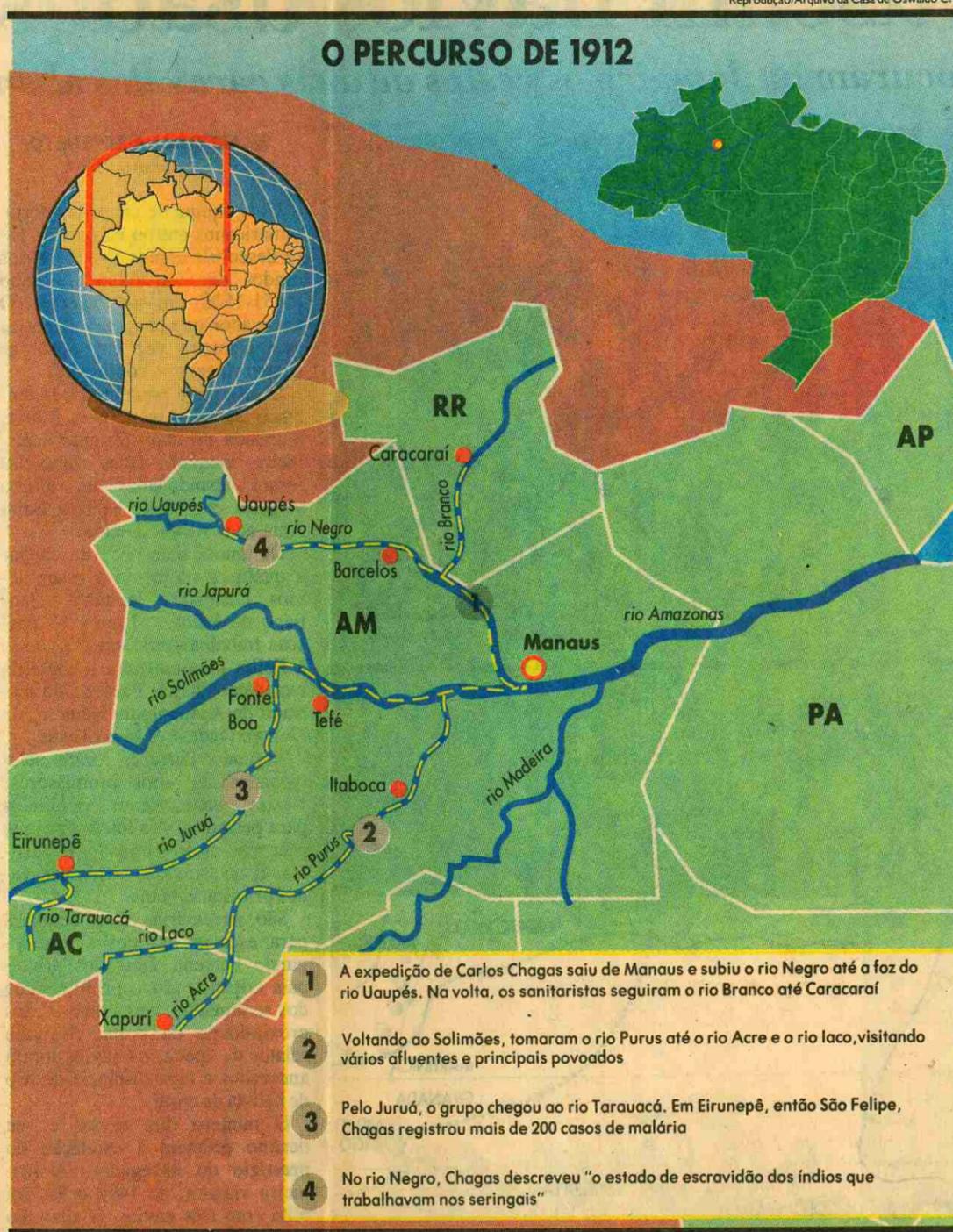
Chagas se impressionou com certos tipos de manifestações de malária, como edemas graves que começavam pelos ossos da perna (tíbia) e chegavam à face, resultando posteriormente em morte. Até então, ele desconhecia esse tipo de manifestação.

Em Eirunepê —então São Felipe—, ele registrou que 400 pessoas, de uma população de 850, haviam morrido de malária no primeiro semestre de 1911.

Em seu relatório, Chagas descreveu como “desolador o que se observa nas residências de seringueiros do rio Negro: pequenas palhoças despidas de qualquer conforto, nelas vivendo grande número de indivíduos na maior promiscuidade”.

Em todo seu relato, Chagas não cita uma só vez a doença que ele descobriu.

Eduardo Thielen



- 1 A expedição de Carlos Chagas saiu de Manaus e subiu o rio Negro até a foz do rio Uaupés. Na volta, os sanitários seguiram o rio Branco até Caracará
- 2 Voltando ao Solimões, tomaram o rio Purus até o rio Acre e o rio Iaco, visitando vários afluentes e principais povoados
- 3 Pelo Juruá, o grupo chegou ao rio Tarauacá. Em Eirunepê, então São Felipe, Chagas registrou mais de 200 casos de malária
- 4 No rio Negro, Chagas descreveu “o estado de escravidão dos índios que trabalhavam nos seringais”



Índios amazônicos em foto da equipe de Carlos Chagas feita em 1912 (dir.) e crianças frente a uma casa no seringal Vila Martins, às margens do Tarauacá, em foto da viagem da Fiocruz